

AULA DE SOBREVIVÊNCIA

Marcelo Abreu

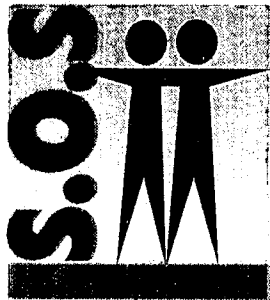
Da equipe do **Correio**

Era o Natal de 1988. Isolete Pereira foi até a favela do Lixão com o grupo de sua igreja evangélica. Impressionou-se com o que viu. Saiu dali chorando, inquieta com a pobreza e miséria com que viviam aquelas crianças. Nenhuma criança na escola, vida sem perspectiva. Prometeu a si mesma que faria alguma coisa por elas. E fez.

Alguns dias depois, estava de volta ao mesmo lugar. Com ajuda de voluntários da igreja, resolveu ensinar crianças que não sabiam nem que escola existia. As aulas começavam debaixo de árvores.

“Depois de fazer os primeiros desenhos, as crianças correram, assustadas, para mostrar às famílias. Elas não sabiam que eram capazes de fazer aquilo”, lembra Isolete, hoje com 64 anos.

Com apoio de um grupo ligado à ação social e promoção cultural da igreja, foi criada a Fundação Brasília de Artes e Humanidades (Fubrah), entidade não-governamental que ajuda crianças moradoras da favela do Lixão, invasão histórica de Brasília com mais de 30 anos de fundação. Isolete virou presidente da instituição.



Um enorme barracão de madeirite foi construído, e ali as crianças lanchavam, almoçavam e começavam a alfabetização com professores voluntários. Vivendo exclusivamente de doações, a Fubrah atendia até 300 crianças e tinha 13 funcionários.

Chegou a receber ajuda do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), que mobiliou toda a biblioteca e mandou material didático. “Recebemos prêmio do projeto *Criança Esperança*, em 1993. A logomarca da entidade foi um presente assinado pelo arquiteto Lúcio Costa”, conta, vai-

dosa, Isolete. Os recursos para manter a entidade, durante quatro anos, vieram de um convênio com a Visão Mundial, órgão internacional que apóia pequenos projetos. Em 1994, o convênio acabou porque a Visão foi investir em projetos do Nordeste. Começava o declínio da entidade.

DUREZA

Bons tempos aqueles em que a Visão Mundial ajudava a Fubrah. À medida que as crianças completavam sete anos, eram encaminhadas às escolas públicas do Guará. Continuam sendo, mas muita coisa mudou. Dos 13 funcionários, só restam três que trabalham voluntariamente na escolinha do Lixão. Não existe

mais almoço, só um lanche. Ainda assim, graças à generosidade de donos de padarias de Brasília.

Das 300 crianças, agora só restam 120. “É um verdadeiro sofrimento. A gente sai pedindo pra um e pra outro. Se não for assim, o projeto acaba”, desespera-se Isolete.

Em 1994, em nome da entidade, ela mandou até uma carta para o então presidente da República Itamar Franco pedindo ajuda. Não houve resposta. “Nunca recebemos uma ajuda de governo nenhum, nem local, nem federal”, afirma a presidente do Fubrah.

“Tudo é muito complicado. O Unicef e a Visão Mundial, que são órgãos internacionais, nos fizeram poucas exigências. O governo brasi-

leiro impõe um série de burocracia que jamais poderemos cumprir”, analisa Isolete. “Só como exemplo, eles exigem alvará de funcionamento da escola. Qual o órgão que dá alvará para uma construção de madeirite numa invasão?”, indaga.

E a burocracia não pára por aí. “Para cada setor, vem a exigência de um técnico responsável. Aulas de educação ambiental com engenheiro agrônomo; para educação, um pedagogo; na biblioteca, uma bibliotecária formada”, continua Isolete.

SERVIÇO

Como ajudar as crianças da escolinha do Lixão
Agência 1004-9 Conta 9860-4 Banco do Brasil
Telefone para contato com Isolete — 223-9284
e 225-1770